

O QUE ACONTECE QUANDO A PEDAGOGIA DA BOBAGEM ENCONTRA PAULO FREIRE

ELIZABETH MEDEIROS PINTO
SUZANE WEBER DA SILVA

Resumo

>

No presente artigo, apresento a pedagogia que guia meu trabalho de professora artista PedaBoba. A pedagogia da Bobagem, que tem origem na pedagogia do palhaço, base das atividades “não sérias” que venho realizando desde que entrei no Educandário São João Batista e a metodologia dos Temas Geradores da pedagogia libertária e dialógica de Paulo Freire. Finalizo relatando as experiências desta PedaBoba nos tempos de COVID-19 com os alunos, que já passam confinados a vida toda com as limitações impostas pela sociedade e que, nos tempos de pandemia, sem nem poderem ir à escola, sua única forma de socialização, o que lhes restava eram as atividades enviadas *online* ou os encontros em vídeo chamada.

Palavras-chave:

Temas Geradores. Inclusão. Deficiência

O QUE ACONTECE QUANDO A PEDAGOGIA DA BOBAGEM ENCONTRA PAULO FREIRE

ELIZABETH MEDEIROS PINTO¹
SUZANE WEBER DA SILVA²

¹ Atriz, dramaturga, Doutora e Mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFRGS, 2010. É professora de teatro e educação física - Educandário São João Batista - Escola Especial. Tem experiência na área de Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: artes cênicas, teatro gaúcho, cadeirantes, deficiência e educandário. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0457-571X>. Email: bethamedeiros@uol.com.br.

² Professora no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e professora Associada no Departamento de Arte Dramática (UFRGS). Bolsista Capes/Print para realização de Pós-Doutorado na Coventry University/Centre for Dance Research (Reino Unido). Bolsa Capes realização de Doutorado no Canadá em Estudos e Práticas Artísticas pela Université du Québec à Montréal (2010). Atualmente, desenvolve pesquisa nos seguintes temas: processos de criação cênica; práticas artísticas e somáticas de teatro, de dança e de performance com ênfase em improvisação; arquivos digitais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7401-8690>. Email: ssuzaneweber@gmail.com

No presente artigo³, apresento a pedagogia que guia meu trabalho de professora artista PedaBoba. A pedagogia da Bobagem, que tem origem na pedagogia do palhaço, base das atividades “não sérias” que venho realizando desde que entrei no Educandário São João Batista⁴ e a metodologia dos Temas Geradores da pedagogia libertária e dialógica de Paulo Freire. Finalizo relatando as experiências desta PedaBoba nos tempos de COVID-19 com os alunos, que já passam confinados a vida toda com as limitações impostas pela sociedade e que, nos tempos de pandemia, sem nem poderem ir à escola, sua única forma de socialização, o que lhes restava eram as atividades enviadas online ou os encontros em vídeo chamada.

1. ATIVIDADES “NÃO SÉRIAS” NO EDUCANDÁRIO

Logo nos primeiros encontros com os alunos do Educandário, percebi que o que havia aprendido no palco e nas duas graduações, mesmo não havendo disciplinas que dessem conta da nova realidade que acabei encontrando ali, seriam a base fundamental para a improvisação que eu teria de realizar desde aquele primeiro momento. Não era apenas um ou dois alunos para serem ‘incluídos’ numa turma regular: mas vários alunos e pacientes com algum tipo de deficiência motora e muitos com deficiência intelectual associada.

A pessoa que, inicialmente, ficou responsável por minhas atividades como voluntária e as orientava, era a chefe da Área Clínica e do setor de Fisioterapia. Ela me explicou que as crianças e os adolescentes da Instituição eram carentes de espaço e tempo para brincarem e se expressarem com criatividade pois suas agendas eram cheias de atividades “sérias”, do campo biomédico como pediatria, fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia.

Organizamos encontros semanais com grandes grupos de socialização que acolhessem todos os pacientes que estivessem disponíveis na Instituição, num primeiro horário, nos quais tínhamos desde crianças de dois anos até adolescentes e jovens com até vinte e um anos, com brincadeiras, músicas e jogos de montagem com material de reciclagem. Havia muita gritaria, cantoria, risos. Num segundo horário, aconteciam as aulas de Teatro com os alunos e pacientes, em sua grande maioria internos da Instituição. A conclusão dessas aulas foi a montagem da peça *A Gata Borralheira*, de Maria Clara Machado, na festa de final de ano. Podemos dizer que o resultado do trabalho foi positivo a ponto de eu ter sido contratada como funcionária no ano seguinte, em 1995, para continuar traba-

lhando com os grupos de socialização e as aulas de teatro.

Em 1996, participei da elaboração do Plano Político Pedagógico, quando passei a fazer parte da Escola Especial como professora de Teatro e Educação Física, apesar da resistência por parte das Irmãs de São José que administravam o Educandário na época, que achavam minhas aulas muito barulhentas, com muita bagunça e gritaria. Essa aceção me segue até hoje e a incorporei ao meu fazer pedagógico, que chamo de “Pedagogia da bobagem”. Comecei a chamar assim desde que a ex-coordenadora da Escola, numa tarde, ao caminhar até seu carro no estacionamento do Educandário, ouviu duas mães conversando: uma perguntava para a outra onde sua filha estava, ao que a outra respondeu: “está lá na sala de aula com a Betha, fazendo aquelas bobagens lá dela!” (sic). Desde esse dia, resolvi incorporar essa palavra dita como forma de depreciação ou zombaria e transformá-la em algo positivo, aproximando do que os ativistas LGBTQIAP+ e da deficiência fizeram com os termos Queer e Crip. Então, minhas aulas viraram “as bobagens da Betha”. E, a partir daí, essa foi a forma divertida e bem-humorada de explicar para as pessoas o que, afinal, eu faço em aula com os alunos.

Na verdade, eu continuo fazendo o que me foi proposto desde o primeiro dia: proporcionar um tempo e um espaço em que os alunos possam brincar, cantar, rir, gritar e, ao mesmo tempo, aprender com o faz de conta do teatro, a dança, a performance, a música, os instrumentos musicais, a bola, o arco, os jogos pedagógicos no computador, mesmo nas aulas de natação que aconteceram de 1999 até 2005. Venho realizando as aulas baseada no entendimento de que as práticas de artes e educação física atuam “como potencial ao desenvolvimento e bem-estar, como reconhecimento de si e propositora de relações com os outros e com o mundo”

³ O artigo faz parte da tese de doutorado *O que nós queremos? ACESSIBILIDADE! Temas Geradores de Paulo Freire como vetores da pedagogia do teatro*, pelo PPGAC/UFRGS, defendida em maio de 2021 sob orientação da Prof^a. Dr^a. Suzane Weber da Silva. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/224297>. Acesso em 24 jul. 2023.

⁴ Centro de Reabilitação e Escola Especial Educandário São João Batista. Instituição filantrópica criada em 1939, em Porto Alegre, para atender crianças com poliomielite; atualmente, atende gratuitamente crianças e adolescentes com deficiências físicas múltiplas. Ver: <https://www.instagram.com/educandario.sjb/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

(BERSELLI, 2019, p. 43).

Sempre estive em diálogo e observando outras atividades realizadas na escola e na clínica, muitas vezes de grande importância funcional, como a fisioterapia, por exemplo. Acredito que as artes podem potencializar gestos, ações e atitudes cotidianas de modo lúdico. Não que as outras áreas não o façam, mas talvez as artes ofereçam grande potencial para isso, tornando treinamentos funcionais em práticas lúdicas.

Por experiência própria, acredito que o ensino das artes através do lúdico, auxilia as crianças a saírem de sua “bolha”, ou seja, o modo interiorizado, “ensimesmado” com que muitos se mostram, sem perceber e sem interagir com o outro e com o ambiente que os cercam. Tirar esses alunos dessas espécies de “bolhas” é sempre um desafio. Acredito que um dos nossos objetivos, como artistas educadores, é fazer com que os alunos expandam seu próprio universo de imaginação, de percepção e interação com o externo.

É de se perguntar, junto a essas crianças com tantos limites para acompanhar a “normalidade” do cotidiano: como fazer teatro? Para que serve a arte, afinal? Nesse sentido, concordamos com a autora Libéria Rodrigues Neves, quando ressalta a importância das artes para compreendermos a nós mesmos:

Na experiência cênica é possível se ver em cena e apreender outros modos de ver-se no mundo. É possível aprender sobre o mundo e, ao mesmo tempo, atribuir sentido a ele, uma vez que se refere a um espaço de conhecimento. Também é possível realizar, enquanto atividade artística, o exercício de promover a articulação e a organização dos diversos saberes adquiridos, ao longo da vida, para a criação de uma solução cênica. Além de possibilitar a ação, em amplas dimensões, geradora de imagens-esquemas imprescindíveis à construção das bases da competência metafórica e imaginativa do pensamento, imprescindíveis à construção do conhecimento (NEVES, 2019, p. 96).

Segundo a pesquisadora Laili Von Czékus

Flórez, que estuda a Pedagogia da Bobagem como proposta pedagógica para adultos com deficiência intelectual,

o ensino da arte está direcionado para a aquisição de conhecimentos artísticos e estéticos, mas também [...] apresenta importantes possibilidades para que os alunos e alunas, sobretudo os com necessidades educativas especiais, possam se comunicar e manifestar seu papel no mundo, valorizando a diversidade e contribuindo para a construção do conhecimento sem discriminações (CZÉKUS FLÓREZ, 2012, p. 38).

A autora salienta a importância da arte como inclusão social e escolar trazendo a citação do documento sobre arte-educação especial do Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial:

A Arte é um campo rico de experimentações, aberto às novas composições e elaborações, por isso propõe olhares diferenciados sobre a realidade. Olhares que eliminam barreiras arquitetônicas, comportamentais (segregação, estigma e preconceito) e de comunicação, por não partirem de modelos pré-estabelecidos. Por esta razão, a arte representa, por excelência, um vetor de inclusão social (BRASIL apud CZÉKUS FLÓREZ, p. 38, 2012).

A arte-educadora Ana Amália Bastos Barbosa⁵ alega ser “muito difícil determinar a amplitude de cognição, da capacidade de aprender de crianças que nasceram com paralisia cerebral.” Mas ela acredita que “a melhor atitude pedagógica é alternar atividades muito simples com outras de mais alta complexidade pois a capacidade cognitiva da criança filtra aquilo que pode aprender. [...] nunca nivelar por baixo com desculpa de que eles não entendem.” (2012, p.12) Concordo plenamente! Em nossa escola, fazemos questão de apostar no potencial de nossos alunos! Não trabalhamos pensando no que eles não podem. Sempre apostamos em ir além, ampliar os limites. Nós trabalhamos com suas capacidades. Ana Amália nos traz, ainda, a

⁵ Artista plástica e arte-educadora, sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) ficando tetraplégica e se comunicando através de computador e Comunicação Alternativa Assistiva. Após o AVC, Ana Amália fez doutorado na ECA da Universidade de São Paulo sobre seu trabalho com crianças com Paralisia Cerebral.

informação, coletada no site e-how⁶, de que

75% das crianças com paralisia cerebral tem inteligência normal. [sic] Ele menciona relatos [...] demonstrando que há enorme dificuldade em se aceitar que eles podem aprender. [...] Como muitas vezes eles não podem falar, como a maioria dos meus alunos, ficam impossibilitados de facilmente demonstrar suas capacidades cognitivas. Outros podem lutar mais por causa de déficits mentais, mas eles devem ser encorajados a atingir altas expectativas também. (BARBOSA, 2012, p. 12-13)

Tenho uma brincadeira com os alunos, há muito tempo. Eles costumavam se queixar e dizer que não conseguiam fazer algumas coisas propostas, sem ao menos tentar. Tão acostumados estavam em serem tratados como coitadinhos, que não conseguiam fazer tudo que os “ditos normais” conseguiam. Eu dizia tanto a frase “aqui não tem coitadinho!” para eles, que um dia o Jean⁷ (da turma de Alfabetização), para implicar comigo, falou: “Betha, é que eu tenho dificuldades!” E ante a minha cara de espanto, começou a rir mostrando estar realmente fazendo chacota. E eu não duvido que ele ouça em casa e na rua, frases capacitistas⁸ como essa sobre sua pessoa. Jean tem paralisia cerebral, cadeirante e tem movimentos reduzidos nos membros superiores. Não consegue pegar a bola e jogar de maneira considerada “normal”, “como todos conseguem”, para a frente. Ele joga para baixo ou, muitas vezes, para trás. Isso o deixa muito frustrado. Resolvemos, então, que ele jogaria de costas para a cesta de basquete ou para o gol⁹. E, assim, ele conseguiu começar a fazer cestas e gols! Da sua forma particular.

1.2 MÚSICA E HUMOR PALHAÇO NA

BUSCA DA SOCIALIZAÇÃO

A Escola possui, atualmente, 4 turmas que estão organizadas levando-se em consideração as características e especificidades dos alunos e suas idades. Duas turmas no turno da manhã – Alfabetização e Socialização. E as outras duas, no turno da tarde – Aprendizagem e Convivência e Comunicação Alternativa.

Com a turma de Socialização, durante as aulas de teatro e educação física, costumam cantar, dançar com eles empurrando e puxando suas cadeias de rodas, como se estivéssemos em um brinquedo de parque de diversões chamado “auto-choque”¹⁰, fazendo vozes diferentes com fantoches, deixando eles experimentarem as texturas dos fantoches e incentivando-os a aceitar colocarem as mãos dentro deles. O jogo de boliche também é importante para que eles percebam que a ação de empurrar a bola do seu próprio colo gera uma reação que vai provocar barulho ao fazer os pinos caírem, o que vai chamar sua atenção e, muitas vezes, fazer abrirem um sorriso ou darem gargalhada. Nas demais turmas, de Aprendizagem e Convivência e Comunicação Alternativa, o boliche em linha¹¹ também é muito bem aceito e cheio de brincadeiras associadas.

Com as turmas de Comunicação Alternativa e Aprendizagem e Convivência, uso, nas aulas de teatro, fantoches, brincadeiras que envolvem atividades da vida diária (AVDs), como cozinhar, dar banho, dar de mamar, telefonar para pedir e pagar comidas de tele entrega, brincadeiras com massinha de modelar etc. Fazemos audição de histórias infantis e brincadeiras de fotonovelas, como o vídeo “Branca de Neve, os 2 anões e o ratinho”¹², uma adaptação da história da Branca de Neve, feita com a Tur-

⁶ Disponível em: http://www.ehow.com/about_5266377_should-teachers-cerebral-palsy.html. Acesso em 02 nov. de 2020.

⁷ Todos os nomes dos alunos são reais. Ao ingressarem para a Escola, todos os responsáveis assinam termo de compromisso onde aceitam a divulgação de nome e mídia em caráter educativo.

⁸ Capacitista, que se refere a Capacitismo, que é o preconceito à PCD (pessoa com deficiência).

⁹ Como podemos observar em <https://www.facebook.com/betha.medeiros/posts/10217623528435808>. Acesso em: 18 jul. de 2023.

¹⁰ Disponível em https://youtu.be/FB5daPd7_8Y. Acesso em: 06 jul. 2023.

¹¹ O boliche em linha é diferente do boliche comum (onde os pinos são colocados em forma de triângulo), porque torna mais fácil acertar os pinos, como podemos ver no vídeo disponível em: <https://youtu.be/71phmy92tGI>. Acesso em: 23 jul. 2023.

ma de Comunicação Alternativa.

Nas aulas de Informática, os alunos são estimulados a vivenciar o uso do computador: usando o teclado e o mouse, além da tela de toque onde eles aproveitam para pintar usando o toque dos dedos para colorir sem sujar os dedos como muito se admirou o Jeremy, da turma de Aprendizagem e Convivência, em uma das primeiras aulas.

Uma vez, em dezembro de 2015, ouvi um dos elogios mais lindos, vindo do aluno Vitor Stober. Já estava indo para casa, ao meio-dia, e ele me puxou e disse: “Profe, tu sabe que tu é muito louca? (sic) E que tua loucura me faz muito bem?”

Costumo utilizar o humor nas aulas para facilitar o acesso a alunos que se mostram como que encasulados em suas ‘bolhas’ (uma grande parte dos alunos têm deficiência intelectual ou mental, além da motora, o que faz com que pouco participem ou realizem troca com a professora e colegas de forma espontânea).

Vitória, uma de nossas alunas da Turma de Socialização, demorou aproximadamente, dois anos até reagir às brincadeiras, aos toques e às músicas e romper sua ‘bolha’... Em uma manhã de setembro de 2014, durante a aula de educação física, estávamos jogando boliche e ouvindo a música Pé de Nabo¹³ e a Vitória solta a voz e vocaliza alto algo como ‘da di... daa di’!! Levei um susto imenso com aquele vozeirão, mas consegui atinar a pegar meu celular para gravar o próximo refrão. E ela repetiu, para minha felicidade!! Saí correndo e, na porta, gritei alto chamando Carla Lunardelli, professora de classe da Turma, que veio assustada pensando ter acontecido algum acidente. Ela ficou tão surpresa e maravilhada, como eu, ao ver o vídeo que acabara de fazer. Foi uma manhã mágica para nós, sem dúvidas.

A pesquisadora Alice Viveiro de Cas-

tro¹⁴, em seu livro *O Elogio da Bobagem*, nos lembra que

O palhaço é o sacerdote da besteira, das inutilidades, da bobeira... Tudo o que não tem importância lhe interessa. É corriqueira a cena em que o palhaço vai fazer alguma coisa muito séria e importante - como, por exemplo, tocar uma peça de música clássica - e acaba nos entretendo com algum detalhe absolutamente insignificante. É o caso do grande Grock¹⁵ tocando violino: ele chega, cumprimenta platéia, posiciona o instrumento e, num gesto de pura futilidade, frescura e bobeira, atira para o alto o arco do violino esperando pegá-lo no ar. Mas ele falha. Contrariado com o detalhe, esquece-se do principal e se dedica a tentar pegar o arco no ar. E então, hipnotizados, nos esquecemos do concerto e passamos um tempo enorme nos deliciando com aquele tonto que não consegue pegar o arco do violino no ar! Bobagem pura, mas um momento mágico e inesquecível... (2005, p. 12-13)

Através do humor palhaço ou clownesco¹⁶ (faço uso de um nariz em alguns momentos, mas não o tempo todo), falseio erros, enganos, quedas para chamar o riso ou, ao menos, o sorriso. Sou uma professora que, como diz Sérgio Lulkin¹⁷ (2007), faz uso do cômico para “contribuir para uma alteração nas atitudes e nos sentidos constituídos na relação dos professores com os alunos”. Lulkin (2007) ainda fala em “mostrar ou não os dentes aos alunos” como um bordão levantado por alguns professores entrevistados por ele:

Mostrar os dentes aponta diretamente para o corpo em evidência, lembrando de um gesto que precisa ser controlado, que traduz um rigor disciplinar para que a abertura “da boca” permita um contato adequado a determinadas formas de educar, sem que se perca no deleite e no prazer do riso. “Mostrar os dentes” como riso é baixar a guarda, implicando uma possibilidade de tomada de lugar pelo outro, que deveria estar em posição subordinada. “Mostrar os dentes” sor-

¹² Disponível em: <https://youtu.be/E5dZRfBxuL4>. Acesso em: 7 de jul. 2023.

¹³ PERES, Sandra; TATIT, Paulo. Pé com pé. Faixa do DVD Pé com Pé Palavra Cantada. São Paulo: MCD, 2006.

¹⁴ Atriz de circo, teatro e televisão, ex-vedete de Teatro Revista, musicista, escritora, produtora, diretora.

¹⁵ Grock, nome artístico de Charles Adrien Wettach (1880 - 1959), foi palhaço, músico e compositor suíço.

¹⁶ O diretor Federico Fellini afirma a seguinte questão sobre a diferença entre palhaço e clown: “aqui existe a mesma miserável diferença do termo estrangeiro que enobrecer a coisa. O palhaço é mais de feira e praça, o clown, de circo e palco. [...] Mas clown designa também palhaço.” (1974, p. 105)

¹⁷ Ator, professor e pesquisador.

rindo abre espaço para que “eles tomem conta” (LULKIN, 2007, p. 6).

Nas aulas, geralmente, eu ‘baixo a guarda’ deixando que os alunos tomem conta do espaço e, em muitos momentos, propondo brincadeiras e ‘bagunçando’. E eu, como professora ‘bagunceira’ que sou, aprovo a bagunça e bagunço junto com os alunos.

Segundo o professor Jacques Lecoq, “o clown é a pessoa que fracassa, que bagunça tudo a sua volta e, fazendo isso, dá à sua plateia um senso de superioridade. Através de suas falhas ele revela profundamente sua natureza humana, que nos move e nos faz rir.” (2001, p. 146, tradução nossa).¹⁸ Os alunos, sendo minha plateia ativa, muitas vezes riem e balançam a cabeça não acreditando no quão boba e atrapalhada a professora se mostra em alguns momentos. Sinara, aluna da Turma de Comunicação Alternativa vai além, levantando seu braço e batendo a mão fechada na testa, diz claramente, mesmo com sua dificuldade de fala: “anta!” ao ser questionada por sua mãe: “o que a Betha é?”¹⁹

O palhaço precisa da reação da sua “plateia” para atuar. Ele tem que reagir ao mundo exterior, como nos diz Lecoq:

Diferente dos personagens de teatro, o contato do clown com seu público é imediato, ele toma vida ao atuar (jogar) com as pessoas que estão olhando pra ele. Não é possível ser clown para o público; você está atuando com o seu público. Assim que o clown entra em cena, ele estabelece contato com todas as pessoas fazendo que a sua plateia e suas reações influenciem sua atuação. Esse é um importante exercício para o treinamento do ator porque ele possibilita-o a experimentar um forte, vivo relacionamento com a plateia. Se o clown não toma conhecimento das reações da plateia, ele poderia se prender no próprio ‘fracasso’ e terminaria numa ala psiquiátri-

ca. (2001, p. 147, tradução nossa)²⁰

Me considero uma professora ‘pedaBoba’ transgressora, subversiva tal qual o riso, como Lulkin bem o define: “Por seu caráter transgressor, subversivo, mobilizador da crítica a todos os poderes, o riso ressurge nos intervalos em que o controle ‘abre um respiro’, nas falhas e equívocos que também constituem nos constituem como seres humanos e insuficientes” (2007, p. 07).

Existe uma brincadeira recorrente de algumas mães que, ao chegarem na sala de aula para pegar seus filhos, dizem não conseguir me achar na sala me confundindo com os alunos, por eu estar no meio da gritaria e animação.

É necessário elucidar, porém, que as aulas têm bagunça, têm bobagem na execução, sim. Mas, seguem uma rotina. Com início, desenvolvimento e final bem definidos. As aulas sempre iniciam com a chamada de ‘espelho’, passam por atividades individuais de percepção corporal, brincadeiras musicais variadas, dança, momento do ‘faz de conta’ e terminam com atividades mais calmas para que saiam da sala de aula relaxados, tranquilos. Ou seja, uma bobagem! Mas uma bobagem ‘séria’.

1.3 TEMAS GERADORES

Em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (2019), Paulo Freire apresenta-nos o ensino a partir de Temas Geradores como forma de auxiliar o aprendizado por meio da utilização da realidade dos alunos, da sua vivência e da reflexão crítica de sua realidade. A investigação de um problema, de forma coletiva, proveria conscientização através da problematização da situação. Segundo as palavras de Freire,

¹⁸ “The clown is the person who flops, who messes up his turn, and, by so doing, gives his audience a sense of superiority. Through his failure he reveals his profoundly human nature, which moves us and make us laugh”

¹⁹ Como podemos ver no vídeo disponível em: <https://www.facebook.com/1106552871/videos/10201102890190177/> Acesso: 15 jul. 2020.

²⁰ “Unlike theatre characters, the contact the clown has with his public is immediate, he comes to life by playing with the people who are looking at him. It is not possible to be a clown for an audience; you play with your audience. As the clown comes on stage, he establishes contact with all the people making up his audience and their reactions influence his playing. This is an important exercise for the trainee actor because it enables him to experience a strong, lively relationship with an audience. If the clown took no notice of audience reactions, he would become trapped in his ‘flop’ and would end up in a psychiatric ward.”

A investigação da temática, repetamos, envolve a investigação do próprio pensar do povo. Pensar que não se dá fora dos homens, nem num homem só, nem no vazio, mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade.

Não posso investigar o pensar dos outros, referido ao mundo se não penso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar (2019, p.140-141).

Em 2001, o Educandário São João Batista começou a fazer parte do projeto, de ensino de informática, desenvolvido pela ONG Comitê de Democratização da Informática (CDI)²¹. Esta foi criada em 1995 no Morro Dona Marta, Rio de Janeiro, a partir de uma grande campanha de arrecadação de computadores com o lema “Informática para todos” e a fundação da primeira Escola de Informática e Cidadania (EIC) com metodologia inspirada em Paulo Freire. Rapidamente, seu método foi sendo adaptado e utilizado em comunidades ribeirinhas, indígenas, em presídios e outros locais menos favorecidos promovendo cidadania, alfabetização, inclusão digital.

O CDI passou a fornecer, ao Educandário, professores voluntários. Estes se revezavam em alguns poucos horários semanais para ensinarem informática de forma gratuita, ou por meio de doações, para pessoas da comunidade, mães e pais de alunos e pacientes. Ou seja, criou-se uma EIC dentro do Educandário, na qual eu atuei, desde o início, como coordenadora e como educadora.

Em 2009, com o início do Projeto CDI-DELL²², recebemos 12 computadores novos, impressora multifuncional, projetor, câmera digital e, o mais importante, a verba para a contratação de uma educadora que poderia atuar em horário integral. Desse modo, a EIC seria

mantida aberta diariamente e poder-se-ia aumentar o número de educandos. Criaram-se turmas de Robótica, turmas para idosos moradores da comunidade, além de turmas para os pacientes, seus familiares e até mesmo alguns para funcionários do Educandário.

A metodologia das aulas previa que os alunos usassem a tecnologia para levantar soluções para um problema da comunidade – problema escolhido pelos próprios alunos –, e superá-lo envolvendo reflexões em grupo, debates, propostas e planejamento.

Esse processo envolvia execução de um plano de ação e conclusão do “projeto social”, desenvolvido de modo participativo, visando a unir esforços e talentos para mudar o cenário de uma realidade.

Desde então, venho utilizando a experiência de Leitura de Mundo e Temas Geradores de forma interdisciplinar, nas aulas de teatro e informática com a turma de Alfabetização, com base na pedagogia libertária e dialógica de Paulo Freire: “a investigação do ‘tema gerador’ [...] insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo” (FREIRE, 2019, p. 134). Nos primeiros encontros do semestre, os alunos são estimulados a refletir e relatar, de forma descontraída, como foram suas férias e como estão vendo o mundo. Trazer para o grupo a sua leitura de mundo. Como eles estão vendo a realidade, sua percepção crítica do mundo.

“As palavras geradoras devem nascer dessa procura e não de uma seleção que efetuamos no nosso gabinete, por mais perfeita que ela seja do ponto de vista técnico” (FREIRE, 1980, p. 43).

Aqui cabe dizer que muitos de nossos alunos não se alfabetizam no período em que é considerado ‘regular’. Muitos, inclusive, não se alfabetizam propriamente, mesmo estando na turma de Alfabetização. Porém, como diz Freire (2001), “a leitura de mundo precede a leitura

²¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Comitê_para_Democratização_da_Informática Acesso em: 18 jul. 2023.

²² Programa Dell YouthConnect de Inclusão Digital da Multinacional de Computadores Dell foi executado no Brasil pelo Comitê para Democratização da Informática. Com a parceria, o CDI contava com o patrocínio da Dell em nove de suas unidades, sendo três em Campinas (SP), três em São Paulo (SP) e três em Porto Alegre (RS). O projeto durou cerca de cinco anos. No Educandário, ainda conseguimos manter a educadora por mais dois anos, com recursos próprios e de voluntários.

da palavra.” E todos eles conseguem realizar a leitura de mundo, tanto seu mundo pequeno, familiar, quanto o mundo global.

Desde o começo, na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizando e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador. (FREIRE, 2001, p.29)

A partir dessa problematização, baseada na visão de mundo e da vida dos próprios alunos, realizamos uma votação em que será escolhido o tema com que o grupo mais se identificar para ser o gerador do trabalho a ser realizado ao longo do ano em todas as disciplinas.

Por meio dessas investigações, além de discussões em aula, entrevistas na comunidade, elaboração de textos, cartazes, cenas improvisadas e criação de histórias coletivas, tentamos esgotar todos os problemas levantados sobre o tema, explorando ao máximo o entendimento da realidade. Assim, desenvolvemos, de forma coletiva, alternativas para tentar transformá-la, como nos ensina Paulo Freire:

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade de transformá-la.

Ninguém luta contra as forças que não compreende, cuja importância não mede, cujas formas e contornos não discerne; [...]

A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo. (1980, p. 40)

Com o uso dos temas geradores, percebe-se o aumento do interesse e empolgação dos alunos em pesquisar, realizar entrevistas com familiares, amigos, terapeutas, funcionários e professoras do Educandário.

²³ Rap idealizado nas aulas de teatro do Tema Gerador ACESSIBILIDADE na Escola Especial São João Batista, em 2011. Aqui, temos uma Performance feita numa parada de ônibus da zona sul de Porto Alegre. Disponível em <https://youtu.be/f0LTsjvSAmU> Acesso em: 08 jul. 2023

²⁴ Título construído como alusão ao livro O Amor nos Tempos do Cólera, de Gabriel Garcia Marques.

E, o que acontece quando a Pedagogia da Bobagem encontra Paulo Freire? Bom, as aulas são realizadas de forma lúdica, com humor. Os temas geradores são, geralmente, problemas “sérios” que eles precisam pesquisar, entender, trabalhar em sala de aula, desenvolver histórias coletivas que poderão virar uma criação artística. Porém, as aulas são sempre cheias de risos, brincadeiras, gritarias e com metas a alcançar. Todos dão palpites, todos se envolvem e cobram envolvimento uns dos outros. A participação atuante dos alunos sobre os temas gerados em aula, faz com que não só eles tomem consciência da sua realidade e procurem solução. Com as criações artísticas oriundas dessas pesquisas, os alunos acabam levando para casa, para sua família, essa consciência e a necessidade de transformação da sua realidade.

A mãe de um aluno, um dia na saída de uma aula, veio me dizer: “não aguento mais meu filho falando e cantando sobre acessibilidade²³ em casa! O que é essa tal acessibilidade que a Betha ‘inventou’?” Provavelmente, foi a primeira vez que ela prestou atenção na palavra que expressa algo que ela conhece muito bem, ao avesso: a falta de acessibilidade.

1.4 A PEDAGOGIA DA BOBAGEM NOS TEMPOS DO COVID²⁴

O ano letivo de 2020 iniciou dia 05 de março e, no dia 16, fomos todos pegos de surpresa com a necessidade de confinamento e o fechamento temporário das instituições educacionais na tentativa de conter a pandemia do COVID-19. Inicialmente, pensávamos ser um afastamento curto, de no máximo 15 dias. Logo percebemos que o período de quarentena não seria tão breve. A quase totalidade de nossos alunos fazem parte do chamado “grupo de risco” não apenas por terem deficiência, mas por terem “restrições respiratórias; dificuldades nos cuidados pessoais; condições autoimunes, entre outras doenças.”²⁵

E, como nos alertam as pesquisadoras Helena Fietz, Anahí Guedes de Mello e Cláudia Fonseca sobre a condição da deficiência em tempos da pandemia de COVID-19:

Muitas pessoas com deficiência passam a vida inteira prevenindo-se contra a contaminação viral e/ou bacteriana, que podem ser fatais dependendo de suas comorbidades. Logo, alguns gestos praticados a fim de diminuir o risco de contágio – lavar sempre as mãos, usar máscaras, higienizar bem e insistentemente os espaços, próteses, órteses e outras tecnologias assistivas, como cadeiras de rodas, andadores, muletas, bengalas etc. – já faziam parte de seu cotidiano muito antes da pandemia. O que muda com a Covid-19 é que a rotina de cuidados se intensifica ante os novos riscos. Além disso, essas práticas passam a ganhar visibilidade à medida que corpos não deficientes também precisam realizá-las e com isso deixam de ser pensadas enquanto responsabilidade individual para adentrar a saúde coletiva. (2020)

E, por serem pessoas com deficiência, nossos alunos sofrem com uma sociedade que, como nos lembra o sociólogo Boaventura Santos (2020, p.18), “as discrimina [...] não lhes facilitando o acesso à mobilidade e a condições que lhes permitiriam desfrutar da sociedade como qualquer outra pessoa. [...] as limitações que a sociedade lhes impõe fazem com que se sintam em quarentena permanente”.

Para eles, as idas à Escola tanto para as terapias de reabilitação, como fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional ou sessões de psicologia quanto para as aulas diárias, são as poucas ocasiões de saírem de casa e se socializar.

Pensando em não perdermos o vínculo, muitas vezes conseguidos às custas da rotina, do dia a dia de convivência escolar, na semana seguinte ao fechamento da escola, criamos grupos no aplicativo WhatsApp para cada turma e

começamos a enviar as atividades pedagógicas para os alunos. Ao mesmo tempo, como forma de divulgação das atividades da Escola, postamos também no nosso perfil do Facebook do Educandário.²⁶

Ironicamente, “toda essa tecnologia que há muito vinha distanciando as pessoas, agora, mais que nunca, tem aproximado e facilitado os processos” como nos ajuda a entender a professora e coordenadora pedagógica Erika Costa (2020).

Os professores, de repente, estão tendo de aprender a lidar com a tecnologia para entrar em contato com seus alunos. À moda dos famosos YouTubers²⁷ e blogueiros, nossa escola abriu um canal no YouTube para arquivarmos os vídeos enviados para as famílias. As famílias, que nestes tempos pandêmicos, se tornaram aliadas dos professores, intervindo e auxiliando na educação. Percebemos pelo contato mais próximo, ‘à palma da mão’ e em horários além do tempo de aula, que os familiares... melhor dizendo as mães, porque as famílias de nossos alunos são compostas de quase 90% de mães solteiras ou separadas, entendendo mais o que é realizado na escola e a importância da presença de seus filhos na sala de aula, o que sempre foi uma preocupação de todas as escolas (não apenas) especiais: a baixa frequência dos alunos.

A pedaBoba e a Pedagogia da Bobagem tiveram que se ‘reinventar’. Sem poder tocar, empurrar cadeiras em forma de carrossel ou auto choque, pegar nas mãos para dançar, tive de apelar para a criatividade virtual e surpreender com as caretas, vozes e com os filtros dos aplicativos do celular e computador.

A pandemia e a quarentena estão revelando que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando isso é necessário e sentido como correspondendo ao

²⁵ Fonte: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/marco/ministerio-divulga-orientacoes-para-pessoas-com-deficiencia-contr-o-novo-coronavirus-covid-19> Acesso em: 03 set. 2020.

²⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/educandario.sjb>. Acesso em: 03 set. 2020. Porém, como a pandemia continuou em 2021, nos pediram para migrarmos as postagens para um perfil da Escola, disponível em: <https://www.facebook.com/Escola-Especial-Educand%C3%A1rio-S%C3%A3o-Jo%C3%A3o-Batista-103978881751543>. Acesso em: 17 mar. 2021.

²⁷ Pessoas que fazem vídeos através do aplicativo YouTube. Sobre a profissão YouTuber, ver mais em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/carreira/voce-conhece-a-profissao-youtuber>. Acesso em: 14 abr. 2023.

bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI. (SANTOS, 2020, p.30)

No antigo e dos mais conhecidos jogos pedagógicos, o Jogo do Espelho (SPOLIN, 2006), a tela do celular virou espelho. Se bem que hoje em dia, quantas vezes usamos a tela do aparelho para conferirmos nosso visual no ônibus, no carro, na rua e até mesmo em casa? Está cada vez mais frequente vermos alguém passar batom, pentear o cabelo usando o celular como espelho. Então, o Espelho, que é um dos jogos preferidos dos alunos da turma de Alfabetização, foi inicialmente enviada apenas a essa turma. Mas depois de um tempo, como teste, resolvi enviar também para as demais turmas. E, para minha grata surpresa, duas alunas de outras turmas, uma da turma de Comunicação Alternativa e outra de Aprendizagem e Convivência, mandaram seus vídeos-resposta, além de dois alunos da Alfabetização.

Com o tempo, percebemos que poderíamos tentar realizarmos videochamadas onde seria possível interagir de forma mais direta além de, também, uma forma de matarmos a saudade, uns dos outros. Há alguns alunos que estão, ainda, relutando em responder as atividades tanto no WhatsApp quanto no Facebook e que estão respondendo bem à chamada de vídeo. Percebendo isso, resolvi fazer alguns Jogos durante as vídeos-chamadas. O velho Jogo do Espelho, então ganhou nova dimensão com várias telas, vários espelhos simultâneos. Foi uma experiência²⁸ divertida e emocionante por possibilitar nos relacionarmos todos ao mesmo tempo, novamente. Mesmo que virtual e não presencial.

Então, seguimos... Em 2021, as aulas reiniciaram à distância. Resolvi, então, fazer uma experiência e tentar criar as atividades do pri-

meiro semestre baseadas na visão de mundo em todas as quatro turmas e não somente na de Alfabetização²⁹. Como o previsto, o que eles acham de bom no mundo é estarem em casa mais tempo com a família. E, em contrapartida, o que eles veem de ruim, obviamente, é não poderem sair de casa. Estar longe da escola, por causa da pandemia, tem sido o grande problema para os alunos, como nos vinha sendo dito pelas mães. Ainda mais daqueles que não entendem o que a pandemia significa. Só percebiam que estavam saindo cada vez menos de casa e não tinham as aulas para socializar.

Aos poucos, à medida que as vacinações evoluíam, podemos ir voltando muito lentamente, ao sistema presencial que apenas se concretizou em 2022. Ainda com máscaras de proteção, continuamos esperando baixar os níveis de contaminação para podermos retornar às aulas sem medo de se tocar, se abraçar, dançar e cantar juntos. À espera de mais respeito para nossos ofícios de professores e artistas. “...a espera é difícil, mas eu espero sonhando...”³⁰ sambando, cantando, inventando, reinventando, subvertendo... E nunca desistindo de amar ser professora artista, professora palhaça. PedaBoba.

²⁸ Podemos ver o resultado aqui: https://youtu.be/_5SUaJ26MD8. Acesso em: 23 set. 2023.

²⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/educandario.sjb>. Acesso em: 03 set. 2020. Porém, como a pandemia continuou em 2021, nos pediram para migrarmos as postagens para um perfil da Escola, disponível em: <https://www.facebook.com/Escola-Especial-Educand%C3%A1rio-S%C3%A3o-Jo%C3%A3o-Batista-103978881751543>. Acesso em: 17 mar. 2023.

³⁰ BEN JOR, Jorge - Zazueira. Faixa 1. In: Acústico MTV- Jorge Ben Jor. Rio de Janeiro: Universal Music, 2002.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. Além do Corpo: uma experiência em arte/educação. Tese (Doutorado em Artes Plásticas) Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, 2012.

BERSELLI, Marcia. Abordagens à cena inclusiva: princípios norteadores para uma prática cênica acessível. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

CZÉKUS FLÓREZ, Laili von. Pedagogia da bobagem: uma oficina de palhaço para adultos com deficiência intelectual. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

COSTA, ERIKA. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/a-escola-como-a-gente-conheceu-nao-vai-mais-existir-pos-quarentena>. Acesso em: 13 abr. 2023.

DE CASTRO, Alice Viveiro. O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo. Família Bastos Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 69ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. Conscientização. Teoria e Prática da Libertação. Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. (tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra) - 3ª ed. - São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 41ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LECOQ, Jacques, CARASSO, Jean-Gabriel e LALLIAS, Jean-Claude. *The Moving Body – Teaching Creative Theatre*. New York: Ed. Routledge, 2001.

LULKIN, Sérgio Andrés. A Potência do humor e do riso na escola. *Campinas: Alegrear*, V.4, p. 1-8, 2007.

LULKIN, Sérgio Andrés; FIETZ, Helena Moura. A multiplicidade do cuidado na experiência da deficiência. *Revista Antropológicas*, v. 29, n. 2, p. 114-141, 2018.

NEVES, Libéria Rodrigues. Arte e conhecimento: uma abordagem para o teatro na educação. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, v. 15, n. 2, p. 78-98, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

SPOLIN, Viola. *Jogos Teatrais: O fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Abstract

In this article, I present the pedagogy that guides my work as an artist teacher PedaBoba. The pedagogy of nonsense, which originates from the clown pedagogy, the basis of the “non-serious” activities that I have been carrying out since I joined Educandário São João Batista and the methodology of the Generating Themes of Paulo Freire’s libertarian and dialogic pedagogy. I finish by reporting the experiences of this PedaBoba in the times of COVID-19 with students, who already spend their whole lives confined with the limitations imposed by society and who, in times of pandemic, without even being able to go to school, their only form of socialization, what was left for them were activities sent online or meetings via video call.

Keywords

Generator themes. Inclusion. Deficiency.

Recebido em: 24 abr 2023

Aceito em: 20 jul 2023

Publicado em: 30 out 2023